

# BOTANICA

---

## 4. As arvores da quina em Cabo Verde

POR

B. A. GOMES

---

Recebemos da ilha de Santo Antão, na data de 26 de novembro de 1874, carta do sr. dr. Francisco Hopffer, digno medico da provincia e archipelago de Cabo Verde, com informações ácerca das arvores da quina, que para ali foram remetidas ha cinco annos; e acompanhando-a veiu um pequeno ramo florido, colhido no sitio da Fajan de Bois, aonde existe em cultura uma parte d'estas plantas, e aonde pela primeira vez appareceram floridas no mez de outubro do proximo anno findo de 1874. Depois nos foram enviados pela secretaria d'estado dos negocios da marinha e ultramar os exemplares igualmente floridos, que o governador da provincia, o sr. C. A. d'Almeida e Albuquerque mandou ao governo para serem examinados e determinada a especie botanica a que pertencem. O local da cultura é no officio do governador denominado, o Pico da Ribeira do Paul, que supponos será o mesmo que nos fora indicado pelo sr. Hopffer, por quanto da carta recebida se deprehende terem sido os ramos assim mandados tambem colhidos por elle na inspecção official que para isso se lhe ordenára. De resto a respeito das localidades no archipelago, aonde estas culturas se teem iniciado e das condições topographicas e climatericas ás quaes satisfazem, ainda carecemos de informações, que mais tarde havemos de obter. A todos os ramos enviados ainda falta a fructificação, que é para desejar venha logo que elles a produzam; ha ahi, porém, o que basta para reconhecer desde já os caracteres da especie, auxiliados como para isso fomos pelas excellentes monographias de Weddell e Howard, *Histoire naturelle des quinquinas*, *Illustrations of Nueva Quinologia of Pavon*. O exemplar que tivemos do dr. Hopffer não trazia mais folhas do que as floraes, diferentes,

como são, na fôrma e grandeza das outras, que guarnece as mesmas plantas, e que só podêmos ver nos exemplares mais completos, remetidos pela secretaria d'estado: com semelhante falta o ramo primeiro estudado nos pareceu que seria da especie, *Cinchona Condaminea* var. *lancifolia* Weddell; soccorridos, porém, pela observação dos ultimos, nenhuma duvida nos parece restar de ser antes a especie para todos estes ramos, a *Cinchona succirubra*, que o celebre botanico hespanhol, Pavon, primeiro assignalou, e que Howard depois, aproveitando os trabalhos ineditos d'aquelle botanico e todas as informações ulteriormente colhidas, circunstanciadamente descreveu e figurou na monographia que publicou e a nós nos serviu de guia principal no assumpto, a pag. 4-23, est. 9. Esta determinação está em harmonia com a precedente historia das tentativas ha seis annos feitas para introduzir nas ilhas tão interessante arvoredado, por quanto as sementes que vieram do jardim botanico de Kew, e graças aos cuidados empregados no de Coimbra, deram origem ás plantas remetidas para Cabo Verde e para outros pontos da Africa portugueza, procederam, segundo as indicações auctorizadas que traziam, das especies, *Cinchona calyssaia*, *Cinchona Condaminea*, e *Cinchona succirubra*, as mais valiosas do genero, e que por isso foram o objecto dos principaes cuidados empregados pelos inglezes na introdução d'este arvoredado na India, aonde é hoje extensamente cultivado. Entre as tres especies é sobretudo importante a *Cinchona succirubra*, por ser a que dá a quina vermelha, a melhor e mais rica dos principios activos que distinguem estas valiosas drogas, e que os hespanhoes primeiro assignalaram pelo nome de *casca de colorada de Huarando*, a qual andou erradamente e por muito tempo attribuida a especies de *Cinchona* bem differentes e de facto bem menos valiosas. A *Cinchona succirubra*, ainda de outro modo se tornou interessante: crescendo em região da Nova Granada, na provincia de Quito, de alguns graus de temperatura inferior á das regiões em geral das outras especies de *Cinchona*, é das que se tem mostrado mais facéis de expatriar, que os inglezes mais espalharam pela cultura na India e na Jamaica. Tendo sido a primeira a florir nas ilhas de Cabo Verde promete tambem ser a que melhor produza no archipelago, propagando-se em larga cultura, e assegurando-lhe assim mais uma fonte de riqueza. A casca de ramos tão novos, como a dos ramos floridos que vieram, não permite ainda o reconhecer-lhe nas cellulas a materia córante, os crystaes aciculares, as materias alcaloides, que só mais tarde ali apparecem caracterizando estas cascas, não tendo sido submettida a que recebemos á analyse chimica e microscopica, a que ulteriormente será aliás preciso sujeitar as

que derivem de ramos com a idade e desenvolvimento para isso indispensaveis.

Depois das remessas de Cabo Verde e do estudo por esta occasião feito, tivemos outra semelhante remessa da Madeira, que devemos aos cuidados do nosso amigo e collega, Barão de Castello de Paiva, e nos fez ter mais um ramo florido das arvores da quina cultivadas na ilha. Esta cultura tem sido ali feita com plantas, que foram de Lisboa e procederam das sementeiras do jardim de Coimbra, e com outras que vieram de Inglaterra; a que floriu, e pela primeira vez como as de Cabo Verde no anno de 1874, era das que foram de Coimbra e Lisboa e a informação diz crescer acima de 200 pés sobre o nivel do mar. O ramo remettido, tambem pequeno, não trazia senão as folhas floraes, é no entanto facil ver n'elle ainda a *C. succirubra*, e com ella a esperanza de vir a ter espalhada na Madeira como na Africa portugueza a especie das arvores de quina, capaz de produzir a qualidade d'esta casca a mais superior, sobretudo a mais rica pelos principios activos que a distinguem.

O Barão de Castello de Paiva menciona uma d'estas arvores de quina, situada a 600 pés de altura sobre o mar, a qual mede 15 palmos; é para notar quanto este desenvolvimento marcha paralelo com o das mesmas arvores em Cabo Verde, aonde o dr. Hopffer marca o de 333 centimetros, que são quasi os mesmos 15 palmos, para a maxima altura das que são ali cultivadas, tendo umas e outras a mesma idade.